

Raul Bopp

xilogravuras de **Ciro Fernandes**

cobra norato

JOSE
OLYMPIO

MANUAL DO PROFESSOR

JOSE
OLYMPIO

RAUL BOPP | COBRA NORATO



Ilustrações
Ciro Fernandes

MANUAL DO PROFESSOR

JOSE
OLYMPIO

Elaboração do manual:
Georgina da Costa Martins
Escritora e Professora de Literatura Brasileira

Título	Cobra Norato
Páginas	96
Autor (a)	Raul Bopp
Ilustrador (a)	Ciro Fernandes
Idioma	Língua portuguesa
Categoria	6
Tema (s)	Ficção, mistério e fantasia; Diálogos com a Sociologia e a Antropologia
Gênero Literário	Poema
Interdisciplinaridade	Geografia, História, Sociologia e Antropologia

Poema é criação, imaginação. É um gênero literário que em geral se manifesta em forma de verso e que tem por objetivo provocar emoção, suscitar paixões. Um poema pode apenas se configurar como expressão do EU do poeta, ou também pode contar uma história de amor e de aventura.

Conversa com o Professor

Caro professor, para começarmos a conversar sobre o livro *Cobra Norato*, recorreremos a uma definição de literatura do escritor russo Vladimir Nabokov: “A literatura não nasceu no dia em que um menino chegou correndo e gritou ‘lobo, lobo’, vindo de um vale neandertal com um grande lobo cinzento em seus calcanhares: a literatura nasceu no dia em que um menino chegou gritando ‘lobo, lobo’, e não havia nenhum lobo atrás dele.” Essa afirmativa deixa muito claro para nós que literatura é invenção, é ficção, mas é principalmente a narrativa dos fatos que poderiam ter acontecido ou que desejaríamos que acontecessem, como explicou o filósofo grego Aristóteles. Pensar nessa direção vai ajudá-lo não só a interpretar esse poema tão peculiar do escritor Raul Bopp, como ainda a forjar estratégias para um melhor aproveitamento dele em sala de aula.

O professor e escritor Carlos Felipe Moisés tem um livro muito interessante sobre o ensino de poesia, chama-se *Poesia não é difícil*, no qual ele diz que o mais importante de tudo é saber que a poesia só espera de nós, leitores e professores, que nos envolvamos com ela, que nos aproximemos dela, com disposição e paixão para senti-la e vivenciá-la.

Por partilharmos da premissa aristotélica de que “Todos os homens tendem por natureza ao conhecimento”, ou seja, em todo homem habita o desejo de conhecer, nos dispusemos a elaborar este material para ajudá-lo na tarefa de seduzir os jovens para a leitura. Por isso, vamos ao livro.

Quem escreveu a história

No Rio Grande do Sul, em Santa Maria, no dia 4 de agosto de 1889, nasceu Raul Bopp, filho de Alfredo Bopp e de Josefina Bopp. Seus avós integraram o grupo dos primeiros imigrantes alemães que vieram para o Brasil em 1824.

O menino cresceu no Distrito de Tupanciretã e, aos 16 anos, deixou a casa dos pais e saiu em viagem pelo Brasil e por países vizinhos. Começou um curso de Direito em Porto Alegre, mas, por conta do seu espírito cigano, mudou-se para Recife, depois para Belém e Rio de Janeiro; sem, no entanto, nunca parar de estudar. Trabalhou como pintor de paredes, caixeiro de livraria e jornalista, até que finalmente formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais e, por fim, tornou-se diplomata, mas foi como poeta que ele entrou para as páginas da história.

Em 1922, radicado no Rio de Janeiro, começou a trabalhar na Agência Brasileira de Distribuição de Notícias, o que serviu para atuar como importante colaborador da Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo, no mesmo ano.

Em 1927 escreveu *Buena-Dicha*, poema em homenagem à Coluna Prestes, e no ano seguinte uniu-se a Oswald de Andrade e a Tarsila do Amaral, integrando o Movimento Antropofágico, um dos principais detonadores da Semana de Arte de 1922, criado por Oswald. Bopp definia assim o Movimento Antropofágico:

...descida às fontes genuínas, ainda puras, para captar os germes da renovação; retomar esse Brasil, subjacente, de alma embrionária, carregado de assombro, e procurar uma síntese cultural própria, com maior densidade de consciência nacional.

Em 1931, um ano antes de entrar para a diplomacia, publicou *Cobra Norato*, poema cuja inspiração deve muito às suas viagens pelo Brasil, principalmente à Amazônia.

Durante muito tempo, o poeta foi reconhecido como sendo autor de um único livro, o *Cobra Norato*, um erro corrigido muito mais tarde. Em 1932, Raul Bopp publicou *Urucungo*, que, em relação a *Cobra Norato*, marca a passagem do mito para a história, como definiu o crítico Antônio Hohlfeldt em 1948. Os poemas de *Urucungo* tratam da vinda dos negros para o Brasil, bem como da caçada empreendida a eles em terras africanas.

Publicou também *América, notas de um caderno sobre o Itamaraty, Movimentos modernistas no Brasil: 1922-1928, Memórias de um embaixador, Bopp passado a limpo por ele mesmo, Vida e morte da Antropofagia e Longitudes*.

Além do texto de Raul Bopp, a edição do livro analisada por este manual conta com as xilogravuras do ilustrador Ciro Fernandes. Desenhista e pintor, sua forma de expressão é pautada pela literatura de cordel. Já ilustrou livros de Gilberto Freyre, Orígenes Lessa, Rachel de Queiroz, Ana Maria Machado, entre outros. Também escreveu o livro infantil *Os bichos que sei fazer*.

Ciro Fernandes nasceu em 31 de janeiro de 1942 em Uiraúna, cidade do alto sertão da Paraíba, e, como muitos nordestinos da época, foi tentar a vida em São Paulo aos 17 anos. Lá, trabalhou como operário e desenhista de bois nos

açougues da zona leste da cidade. Mudou-se depois para o Rio de Janeiro, e na feira de São Cristóvão, importante reduto da cultura nordestina na capital fluminense, começou a fazer xilogravuras gratuitas para os poetas de cordel. O artista possui obras expostas em vários museus, dentre eles o Museu Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro.

Mergulho no livro

O olhar antropológico e viajado de Raul Bopp soube captar e registrar os sinais dos mitos, da magia e da cultura brasileira, de uma maneira geral, e foi daí que surgiu a matéria de sua poesia.

Tal qual os rapsodos gregos — aqueles que cantavam seus versos épicos pelas ruas, contando os feitos dos heróis —, o contador/cantador de *Cobra Norato* narra suas façanhas épicas pela floresta, depois de estrangular a Cobra Grande e se vestir com a pele dela. Esse rapsodo tropical sai em busca de sua amada, a filha da rainha Luzia, e nos convida a penetrar junto com ele os mistérios e os perigos da floresta.

Pelo caminho, o jovem herói vai conversando com os rios, com os animais, com a vegetação e com os seres míticos. Em sua viagem, tudo é possível.

O poema é composto de 33 cantos, trata da odisseia do herói moderno e dialoga com a lenda da Cobra Norato, tradição narrativa do Pará e da Amazônia. Muitas vezes, esse livro é analisado como pertencendo ao gênero romance, e isso acontece porque conta uma história, tem um enredo, o que ocorre também com os folhetos de cordel, que, muito embora estejam em forma de versos, são chamados de romance, já que a palavra também serve para designar qualquer produção literária de caráter imaginativo.

O autor nos explica assim a escritura do poema:

Alinhavei desordenadamente alguns versos, na tentativa de apresentar aspectos do universo amazônico, na sua profundidade. Nesse mundo imenso de água e mato, com eco de vozes indecifradas, aparece o herói do poema: Cobra Norato, no seu estado de obsessão afetiva, semissexual, à procura da filha da Rainha Luzia (BOPP, 1977, p. 61).

Para que essa relação dialógica entre o poema e o mito fique evidente, resumimos aqui a lenda de Cobra Norato: Conta-se que uma índia ficou grávida de um boto e teve um casal de gêmeos. O menino se chamou Honorato e a menina Maria Caninana. Ao consultar um pajé sobre o destino dos filhos, foi aconselhada a deixá-los à margem do rio Tocantins, onde ficaram encantados em forma de cobra. Honorato era sensível e bom, diferente da irmã, que era um verdadeiro demônio. Afogava os banhistas, afundava as embarcações e assombrava os viajantes. Honorato, cansado das maldades da irmã, matou-a. O rapaz era um grande dançarino e muito sedutor. Todas as noites deixava sua pele de cobra à beira-rio e saía para dançar em forma de moço bonito. O que ele mais queria na vida era ser desencantado, mas ninguém tinha coragem de enfrentar a cobra grande que se apoderou do corpo dele... No entanto, como essa é uma outra história, voltemos ao poema de Raul Bopp.

Alinhado à proposta modernista o poeta canta e conta a mitologia brasileira. Seu poema, composto de versos livres, sem preocupação com a métrica, esbanja onomatopeias, animismos e aliterações, figuras corriqueiras na boca do povo, na oralidade cotidiana de quem habita um território mágico como o da floresta. Principalmente porque é preciso conhecer

e apropriar-se dos seres fantásticos e dialogar com eles para não sucumbir aos seus poderes encantatórios.

Nosso herói tem de enfrentar várias provas para conquistar o amor de Luzia, filha da rainha do mar: ver sete mulheres brancas de ventres despovoados, guardadas por um jacaré; entregar a sombra para o Bicho do Fundo; fazer mironga na lua nova e beber três gotas de sangue.

O primeiro canto do poema nos convida a evadir com o herói mítico, a viajar com ele para o mundo encantado da floresta, onde tudo é possível. Trata-se de um poema maravilhoso, entendendo aqui o vocábulo maravilhoso não como sinônimo de belo de resplandecente, mas de tudo aquilo que não pode ser explicado à luz da racionalidade. O maravilhoso é o mito, é a lenda, é a magia. Toda cultura possui seus elementos e seres maravilhosos, que explicam as diversas formas de se pensarem as origens das coisas, dos seres e do mundo. Os seres humanos precisam do mágico para entender o mundo, para conhecer seus segredos e para entender os mistérios da vida e da morte.

O maravilhoso de todas as culturas dialoga entre si, mesmo habitando distâncias diversas. Jung chamou esse diálogo de inconsciente coletivo, mas podemos chamar também de DNA, de um núcleo comum a todos os seres humanos que habitam sobre a terra. Ousamos dizer que esse DNA mítico já está incrustado em nossa cadeia evolutiva e pode ser transmitido pela hereditariedade.

Os elementos do maravilhoso de que Raul Bopp se apropria não nasceram no monte Olimpo, tampouco nasceram nas montanhas do Tibet ou na terra dos dragões, nasceram nas águas dos rios da Amazônia, nasceram na floresta, mas convivem com todos os outros seres em relação dialógica desde que o homem pisou sobre a terra.

Poetas, artistas, contadores e cantadores de histórias são capazes de enxergar e de compreender esse universo mágico, e é aí que reside a beleza da poesia, da arte: enxergar e compreender o invisível, o que não pode ser apreendido pela racionalidade e pela regularidade do cotidiano, como *Cobra Norato* que anseia pelas Terras do Sem-fim e pelo amor da princesa Luzia, filha da rainha do mar, que se acha em poder da Cobra Grande.

Neste poema, Raul Bopp, tanto do ponto de vista da forma quanto do conteúdo, concretiza a experiência antropofágica, tão cara ao movimento modernista de 1922. Antropofagia que, no plano da construção semântica/poética, se realiza na mistura de mitos diversos; e no da construção ficcional se realiza no vestir da pele da Cobra Grande pelo nosso herói.

Pré-leitura

Retomando a fala do professor Carlos Felipe Moisés de que a poesia não é difícil, mas que precisamos estar preparados para recebê-la, é que nos dispomos a propor algumas atividades prévias à leitura de *Cobra Norato*.

A primeira coisa a ser feita é buscar as fontes que deram origem a ele, como o mito de Cobra Norato que foi resumido aqui. A história integral pode ser encontrada em livros de Câmara Cascudo e de Silvio Romero, ou mesmo na memória de muitos de seus alunos, seus familiares e vizinhos. Além disso também é necessário conversar sobre o Modernismo no Brasil, seus movimentos, principalmente o Antropofágico, e sobre seus seguidores, como, Oswald de Andrade, Mario de Andrade e Cassiano Ricardo, escritores que tematizaram em suas produções as culturas do negro, do miscigenado e do indígena.

Macunaíma, de Mario de Andrade, e *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo, são livros que dialogam com *Cobra Norato* e que podem contribuir nessa discussão sobre o sincretismo cultural.

O filme *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade, também pode render muitos frutos, assim como a escuta do samba-enredo, do ano de 1972, da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, *Martim Cererê*, feito pelos compositores Zé Katimba e Gibi, e até hoje interpretado por Zeca Pagodinho.

Como se trata de um poema que tem por tema os seres fantásticos, é importante que seus alunos saibam o papel que o maravilhoso e o insólito desempenham nesse tipo de narrativa. Por maravilhoso entendemos todo tipo de história que não pode ser explicada pela racionalidade, como os contos de fadas, os de vampiro, os do folclore, as lendas e os mitos, em que a intromissão do elemento mágico serve de contrapeso à banalidade e à regularidade do cotidiano.

Depois dessa explanação é que você deve pedir aos alunos que falem sobre os mitos que conhecem, sobre as lendas, superstições, ditados populares, assombrações etc. Acreditamos que dessa forma eles terão mais facilidade para fruir e interpretar o poema.

E, finalmente, este, por se tratar de um livro ilustrado, é importante que as imagens sejam igualmente discutidas com os alunos, o que pode ser feito antes da leitura da narrativa escrita, estratégia que vai contribuir para uma outra via de interpretação da história, que é o ponto de vista do artista que criou as imagens para o livro.

Pedir que eles falem sobre a correspondência entre texto e imagem, se há ou não esse casamento.

Discutir com eles o processo de xilogravura, se possível levá-los a uma exposição de xilo ou ainda convidar algum xilogravurista para falar sobre o tema. Sobretudo porque o exercício de observação das imagens é fundamental para a leitura imagética do mundo, uma outra forma de olhar e ver.

Pós-leitura

Após a leitura do livro, é preciso que os alunos falem sobre o que leram, o que sentiram, se gostaram ou não. Peça que destaquem os versos que mais lhes agradaram e ou instigaram a curiosidade.

Sugerir que pesquisem na literatura de cordel a história de Cobra Norato, para que possam comparar as diversas narrativas: o poema, a lenda escrita ou contada e o cordel.

Uma visita ao site da Mostra de Cinema Infantil pode ser uma boa dica para encontrar alguns filmes do folclore brasileiro: <http://www.mostradecinemainfantil.com.br/tag/folclore/>. Há também o site do portal Tela Brasil: <http://www.telabr.com.br/noticias/2014/08/11/trabalhe-o-folclore-em-sala-de-aula-com-a-ajuda-do-filme-pequenas-historias/>, que dispõe de um material em PDF que pode ser baixado de forma gratuita com sugestões de filmes e de atividades em sala de aula.

O Filme *Ele, o Boto*, do diretor Walter Lima Junior, também é uma outra sugestão. A série de animação *Juro que eu vi* é sobre vários mitos do folclore brasileiro e pode ser encontrada no portal da MultiRio. Essa série já ganhou vários prêmios nacionais e participou de festivais internacionais. Ganhou o Grande Prêmio Cinema Brasil 2010, na categoria Melhor Curta-Metragem de Animação, e já participou de festivais como o Festival Internacional de Cinema Infantil e o Japan Prize.

Em seguida você pode pedir que eles transformem o poema em conto, tarefa que pode ser facilitada pela leitura da lenda de Cobra Norato, que eles já deverão ter trabalhado antes da leitura do livro. Também podem adaptar esse poema para HQ e para teatro, além de outras sugestões para trabalhar a produção textual dos alunos, como:

1. Escolher uma ou duas personagens da história e criar uma outra narrativa fantástica com elas. O cenário pode ser o mesmo do livro ou qualquer outro escolhido pelos alunos.
2. Misturar trechos dessa história às histórias de outros personagens dos contos do folclore nacional.
3. Dividir a turma em grupos e pedir que façam um dicionário das palavras e/ou expressões que eles não conhecem.
4. Treinar com eles a leitura em voz alta do poema, o que poderá ser feito em grupo, como um jogral. Atentar para uma prática de leitura que seja capaz de captar o clima do poema.
5. Investigar sobre o enredo do poema e pedir que eles tracem paralelos entre os gêneros poesia, conto e “causos” populares.
6. Sugerir que eles pensem em estratégias para contar a história do poema para crianças, o que poderá ser feito em uma atividade extraclasse, em algum evento da escola.
7. Pedir que investiguem a presença de ditados populares no poema e qual a função que eles desempenham na narrativa.

8. Solicitar que eles escrevam sobre as relações do poema com o Modernismo no Brasil e com as poesias produzidas naquele período.
9. Pedir uma pesquisa sobre o Movimento Antropofágico e em que medida o nome do movimento tem a ver com a definição de dicionário da palavra antropofagia.

Interdisciplinaridade

Interdisciplinaridade é um conceito dos meados da década de 1960, surgido na França, a fim de atender a reivindicações de ordem social, política e econômica que não encontravam respostas em uma única área de saber ou disciplina. No Brasil, a interdisciplinaridade aparece nas últimas Leis de Diretrizes e Bases (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Nacional (PCNs).

Apesar de ser um conceito bastante conhecido atualmente, ainda encontramos resistência, aqui e ali, na utilização de métodos interdisciplinares em suas rotinas. O trabalho interdisciplinar exige planejamento coletivo, a fim de abarcar conteúdos e atender a objetivos de interesse de mais de uma disciplina. Nesse sentido é que *Cobra Norato* pode estabelecer diálogos com as disciplinas de Geografia, História e Ciências Sociais, mais precisamente, Sociologia e Antropologia. Disciplinas que se encarregam de pesquisar e refletir sobre o presente e o passado da humanidade, bem como sobre as relações sociais, históricas e culturais que os homens estabelecem entre si e o meio em que vivem.

Os professores dessas disciplinas podem, em conjunto, elaborar um projeto de aulas sobre o tema, tendo como ponto de partida o poema em questão. No que se refere à Geografia, por exemplo, há uma variedade de temas a serem explorados,

como o próprio conceito de Terra, usado no livro como o lugar da utopia (*Terra do Sem-fim*), ou seja, o “não lugar”. A geografia, a vegetação e a fauna peculiares da floresta tornam-se elementos que podem e devem ser relacionados com a geografia não fictícia.

Para saber mais...

Bibliografia

DO AUTOR

- Cobra Norato*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
Vida e Morte da Antropofagia. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
Movimentos Modernistas no Brasil 1922-1928. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

REFERÊNCIA

- NAVARRO, Fred. *Dicionário do Nordeste*. Recife: CEPE, 2013.
MANGUEL, Alberto. *Dicionário de Lugares Maravilhosos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GERAL

- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
BORGES, Jorge Luis. *El Libro de los Seres Imaginarios*. Madri: Alianza Editorial, 1978.
BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Média*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
CALVINO, Ítalo. *Por que ler os Clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 (p. 43).
CARPENTÍER, Alejo. *A literatura do Maravilhoso*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1987.

- CASCUDO, Câmara. *A literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- _____. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980.
- COLLINS, Derek. *Magia no mundo Grego Antigo*. São Paulo: Madras, 2009.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. 2. ed. São Paulo: Graal, 1986.
- DEL PRIORE, Mary. *Esquecidos por Deus: Monstros no Mundo Europeu e Ibero-Americano (Séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. (org.). *Monstros e monstregos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FRANCO JR., Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- GUINSBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *História Noturna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- JOLLES, André. *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1976. (Esgotado)
- KAPPLER, Claude. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. São Paulo: Unesp, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- MANDEVILLE, Jean. *Viagens*. São Paulo: Edusc, 2007.
- PIMENTEL, Figueiredo. *Contos da Carochinha*. Belo Horizonte: Garnier, 1992.
- PROPP, Vladimir. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ROMERO, Silvio. *Contos populares*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.
- SIMONSEN, Michèle. *O conto popular*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- VOLOUBEF, Karin. (org.) *Mito e Magia*. São Paulo: UNESP, 2011.

